Formas de tratamento representadas nas falas de duas personagens da telenovela Pantanal (2022)

Forms of address represented in the speeches of two characters from the soap opera Pantanal (2022).

André Luiz de Andrade Almeida, Unioeste
mqzaalmeida@gmail.com

Received: June 2024
Accepted: September 2024

Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever, por meio da metodologia da etiquetagem (Frías Conde, 2018; 2023), as formas de tratamento utilizadas nas falas de duas personagens da novela *Pantanal* (2022), de Benedito Ruy Barbosa. A relevância do estudo reside no fato de que as formas de tratamento refletem relações vinculadas a estruturas sociais de dado contexto sociocultural (Biderman, 1972; Frías Conde, 2018, 2023). A discussão teórica se baseia principalmente nas contribuições de Brown e Gilman (1960), referente à semântica do poder e da solidariedade; de Goffman (1970), com a teoria da cortesia e a noção de preservação da face; de Biderman (1972), sobre a relação das formas de tratamento do português brasileiro com as estruturas sociais; e de Frías Conde (2018; 2023), com a descrição da metodologia da etiquetagem das formas de tratamento aplicada às línguas ibero-românicas. A investigação se insere na abordagem qualitativa. Através da metodologia da etiquetagem, são analisados dois recortes de cenas da novela *Pantanal*. As formas de tratamento são etiquetadas segundo as categorias Referência (R), Paradigma (Π) e Grau (G), além de ser considerado o quadro sociolinguístico e outros fatores relacionados às circunstâncias de uso das formas de tratamento. As análises realizadas mostram que as formas de tratamento variam de acordo com o grau de intimidade dos interactantes e com as relações hierárquicas estabelecidas entre eles.

Palavras-chave
Formas de tratamento; Etiquetagem; Estruturas sociais.

Abstract

This article aims to describe, through the tagging methodology (Frías Conde, 2018; 2023), the forms of treatment used in the speeches of two characters in the soap opera Pantanal (2022), by Benedito Ruy Barbosa. The relevance of the study lies in the fact that the forms of treatment reflect relationships linked to social structures in a given sociocultural context (Biderman, 1972; Frías Conde, 2018, 2023). The theoretical discussion is mainly based on the contributions of Brown and Gilman (1960), regarding the semantics of power and solidarity; by Goffman (1970), with the theory of courtesy and the notion of face preservation; by Biderman (1972), on the relationship between Brazilian Portuguese forms of treatment and social structures; and by Frías Conde (2018; 2023), with the description of the methodology for tagging forms of treatment applied to Ibero-Romance languages. The investigation is part of the qualitative approach. Using the tagging methodology, two clippings of scenes from the soap opera Pantanal are analysed. The forms of address are tagged according to the categories Reference (R), Paradigm (Π) and Degree (G), in addition to considering the sociolinguistic framework and other factors related to the circumstances of use of the forms of address. The analyses carried out show that the forms of treatment vary according to the degree of intimacy of the interactants and the hierarchical relationships established between them.

© Ianua Editora

Keywords
Forms of treatment; Tagging; Social structures.

Índice

1. Introdução.
2. Base teórica do estudo.
3. Metodologia da pesquisa.
4. Análise dos dados perante a metodologia da etiquetagem das formas de tratamento.
5. Conclusões.
6. Referências.

1. Introdução

As formas de tratamento desempenham um papel importante em nossas interações sociais e nos permitem refletir não apenas sobre as normas linguísticas e protocolos sociais, mas também sobre as relações de poder que se manifestam no uso de determinadas formas. Segundo Frías Conde (2018; 2023), as formas de tratamento têm um papel fundamental na comunicação, pois, em seu uso, intervém não apenas a cortesia linguística, mas também a estrutura social.

Segundo Biderman (1972, p. 341), "toda sociedade diferenciada em classes, insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa". Portanto, as classes mais privilegiadas de poder buscam manter determinadas etiquetas e formas de tratamento que as diferenciam do restante da sociedade, a grande massa. Consequentemente, isso implica em uma tentativa de manter distinções e hierarquias sociais que reforçam as diferenças entre as classes.

De forma geral, quando falamos de formas de tratamento, temos em mente os pronomes de tratamento, embora haja outros elementos que também se caracterizam como tais, que são as formas nominais de tratamento e os vocativos. Com relação aos pronomes de tratamento, Oliveira (2019) afirma que são reveladores de aspectos sociais relacionados ao poder e à solidariedade, à integração e marginalização de grupos sociais, aos arranjos e composições familiares e às diferentes redes sociais.

Assim, entendemos que as formas de tratamento são um reflexo das relações sociais e, portanto, podem acompanhar as mudanças sociais e diferenciar-se de acordo com a época e com o espaço social, elegemos como tema as formas de tratamento utilizadas em determinado espaço geográfico e sociocultural representado em uma obra ficcional, que é a novela brasileira *Pantanal*, de Benedito Ruy Barbosa, exibida em 2022 pela Rede Globo de Televisão.

Na nossa compreensão, ainda que os dados sejam de fonte ficcional, a pesquisa poderá contribuir para reconhecer, entender e explicar as formas de tratamento utilizadas em um determinado grupo de falantes do português brasileiro, representado pelas personagens da novela *Pantanal*, o que ajuda a compreender a importância dessas formas para o funcionamento da língua durante os atos de fala, saber como esse fenômeno se realiza, como eles se classificam, o possível motivo para se utilizar cada forma e entender por que algumas formas podem ser consideradas de teor positivo ou negativo, a depender do local e da posição social (ou papéis sociais) dos interactantes.

Nesse sentido, entendemos ser necessário analisarmos como essas formas de tratamento refletem as relações de poder. No caso das formas de tratamento, que são os elementos linguísticos que mais refletem as relações sociais dos diferentes grupos sociais, uma forma de analisá-las é pela metodologia da etiquetagem, proposta por Frías Conde (2018), a qual permite classificar as formas de tratamento com base em marcas morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Essa metodologia destaca-se por ser um campo novo de estudo no contexto brasileiro. Assim, o nosso objetivo é descrever, por meio da metodologia da etiquetagem, as formas de tratamento presentes nas falas de duas personagens da telenovela *Pantanal* (2022), de Benedito Ruy Barbosa.

Na sequência, apresentamos a base teórica do estudo, a descrição da metodologia de pesquisa e a análise e etiquetagem de duas interações, que destacam os diferentes usos das formas de tratamento a depender do contexto em que se realizam.

2. Base teórica do estudo

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

As formas de tratamento (FT) se constituem a partir das maneiras como as pessoas se dirigem umas às outras e buscam despertar a atenção do interlocutor (chamá-lo à conversa). Geralmente, no caso do português brasileiro (PB), relacionamos as FT às formas nominais, como {Vossa Senhoria}, ou pronominais, como {tu} e {você}, em contextos que variam em níveis de formalidade. Porém, há outros elementos linguísticos e extralinguísticos que fazem parte do tratamento dispensa ao interlocutor, como veremos mais adiante.

Dino Preti (2004) apresenta a seguinte categorização das FT em português:

> Em português, o sistema de tratamento pode ser representado: 1) por formas pronominais, ou seja pelos pronomes pessoais (*tu*, *vós*); 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*você*, *o senhor*, *vossa excelência*, *vossa senhoria* e suas variações); 3) por formas nominais constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecedidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento (Preti, 2004, p. 184-185).

Outros autores, como Cintra (1972), Kerbrat-Orecchioni (1996) e Frías Conde (2018; 2023), apresentam a seguinte classificação das FT:

a) Formas pronominais: são constituídas de pronomes, como *tu*, *você*, *vocês*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza* etc.;
b) Formas nominais: são constituídas de nomes próprios, de parentesco, de funções, como *o senhor*, *a senhora*, *o João*, *a Maria*, *o doutor*, *a doutora*, *a professora*, *o amigo*, *o pai*, *a mãe*, *o patrão* etc.;
c) Vocativos: são termos geralmente acompanhados de pronomes pessoais ou substantivos, que servem para designar e chamar o indivíduo com quem se fala; por isso, não assumem as funções de sujeito nem de predicado, e, na estrutura sintática do enunciado, estão isolados, normalmente, com vírgula.

Essas FT são utilizadas de acordo com diversos níveis de formalidade, desde o tratamento informal, em contextos de interação entre amigos, familiares ou pessoas de igual posição, refletindo maior intimidade, até o tratamento formal, utilizado em contextos em que há uma diferença hierárquica entre os envolvidos (por exemplo, ambientes acadêmicos, profissionais ou quando o interlocutor se dirige a alguém de mais idade, demonstrando respeito).

A abordagem ao interlocutor, portanto, é sempre baseada em convenções sociais. Assim, para utilizar essas expressões que refletem respeito, cortesia, classificação social ou formalidade são levadas em consideração, pelos indivíduos envolvidos na situação comunicacional, variáveis como o contexto social, o relacionamento entre as pessoas e a sua cultura, e adequação aos contextos formal e informal, dependendo das circunstâncias de produção, como demonstram Silva, Blanco e Blanco (2017):

> Em geral, a sociedade está dividida por hierarquia, por isso o tratamento que recebe um membro da sociedade depende do papel que desempenha e de suas características: idade, gênero, posição familiar, hierarquia profissional, grau de intimidade, etc. Sendo assim, cada um deve tratar o outro de acordo com as posições relativas que ambos ocupam na escala social (Silva; Blanco; Blanco, 2017, p. 333).

O uso de FT, nesse sentido, está intimamente ligado à estrutura social em dado contexto (Biderman, 1972). Por isso, diferentes línguas apresentam diferentes FT, isto é, nem sempre as formas de endereçamento à segunda pessoa de uma língua têm equivalência simétrica em outra língua. Além disso, as FT mudam ao longo da história de uma língua, pois a estrutura social também se modifica no decorrer do tempo.

Um exemplo é a forma pronominal *você*, do PB, derivado da forma nominal {Vossa Mercê}, que era inicialmente destinado apenas ao rei, mas, no fim do século XIV, passou a ser utilizado como forma de tratamento a outros membros da nobreza, e depois, no século XVI, estendeu-se a membros da burguesia (Faraco, 1996; Lopes; Duarte, 2003). Não somente mudou o destinatário dessa FT, mas também a forma *Vossa Mercê* passou por mudança e adaptação fonológica e ortográfica até chegar à forma {você}. De acordo com Cintra (1972), originalmente, o sistema pronominal do português contava com os pronomes {tu} ou {vós} para o tratamento de segunda pessoa do singular em situações de intimidade e de distanciamento na interação, respectivamente.

É importante destacar que a forma *você* é considerada por muitos gramáticos como pronome de tratamento, e por outros como pronome pessoal. Para Cunha e Cintra (1985), os pronomes de tratamento são utilizados pelo interlocutor para referenciar a pessoa com quem está se dirigindo diretamente na interação, mesmo que esses pronomes levem o verbo para a terceira pessoa:

> Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa (Cunha; Cintra, 1985, p. 282).

Porém, Rocha Lima (2011, p. 386) apresenta o {você} como pronome pessoal e afirma que ele "pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala, posto que o verbo com ele concorde na forma de 3ª pessoa". Como podemos observar nas descrições desses gramáticos, há o entendimento da forma {você} por vezes como uma FT da terceira pessoa e outras como pronome pessoal, direcionado à segunda pessoa, mas mantendo a conjugação de terceira pessoa.

Camara Jr. (1991) afirma que, no caso das formas nominais,

> [...] o ouvinte é tratado, isoladamente ou como sujeito, por uma locução, em que [...] nos dirigimos a uma sua qualidade, com a matização do acatamento e da hierarquia social expressa pela escolha de um substantivo adequado: *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. (Camara Jr., 1991, p. 19).

No entanto, diversos estudos na área da Sociolinguística sobre o sistema pronominal do PB (Menon, 1995; Faraco, 1996; Neves, 2002; Machado, 2008; Lopes, 2008; entre outros) mostram, com relação às FT, que o pronome {tu} vem sendo gradativamente substituído pelo {você}, e o pronome {vós} está ficando obsoleto, sendo substituído por vocês. Esses estudos também mostram o uso predominante do paradigma verbal de terceira pessoa nas localidades em que o pronome tu ainda é utilizado e a permanência dos pronomes objeto {te} e {ti} e dos possessivos {teu(s)} e {tua(s)} em enunciados orais e escritos em que a referência é a forma {você}, e não {tu}.

Sobre os vocativos como FT, Moreira (2017, p. 320) afirma que essa categoria, "na comunicação espontânea, normalmente corresponde a um título, um nome próprio, um sobrenome, um termo carinhoso ou até ofensivo ou um apelido daquela pessoa com quem se quer falar". Além de serem definidos pelo uso de nomes próprios e títulos, os vocativos também comportam expressões adjetivas (Camara Jr., 1981; Cunha; Cintra, 1985).

O vocativo, ao contrário das formas pronominais e nominais, possui um comportamento sintático e pragmático diferente nas orações. A sua função de chamar a atenção do interlocutor pode ocorrer em variados níveis de interação, indicando desde situações que exigem mais respeito e formalidade até interações mais íntimas e informais.

Embora muitos autores defendam que o vocativo não pertence a uma oração, por não ter uma relação direta com o verbo, Cunha e Cintra (1985, p. 175) dizem que, "embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o vocativo pode relacionar-se com algum dos termos." Segundo os autores, existem determinados vocativos que não fazem nenhuma menção a algum termo da oração, como: "E, ao vê-la, acordarei, meu Deus de França!", no qual a expressão vocativa "meu Deus de França!" não apresenta relação alguma com o restante da frase. Porém, também, há os vocativos que fazem referência a algum termo, como nestes enunciados: "Dizei-me vós, Senhor Deus!" e "Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!". No primeiro exemplo, o vocativo *Senhor Deus!* se relaciona com o sujeito *vós*, e na segunda oração, temos o vocativo *Ó lanchas* se referindo ao objeto direto *vos* (Cunha; Cintra, 1985, p. 175).

Perini (2005) contribui com os estudos ao propor que o que conecta o vocativo à oração não é de natureza sintática, mas sim discursiva: "Quero dizer que a ligação entre o vocativo e a oração junto à qual ele pode ocorrer não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso" (Perini, 2005, p. 91).

Retornando à discussão da função do vocativo como FT, Mundim (1981, p. 8 *apud* Moreira, 2017, p. 326) pontua que "a opção por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma pessoa". Para Moreira (2017, p. 326), em situações comuns do cotidiano, esse processo é geralmente inconsciente, mas "em situações mais específicas, a escolha do vocativo é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal". Na visão da autora, o processo consciente de opção ocorreria mais quando o falante utiliza um vocativo não profissional, pois,

> Na utilização de um vocativo profissional, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de envolvimento do falante. Ele estaria usando uma expressão que iria identificar uma categoria profissional dentro da sociedade (Moreira, 2017, p. 326-327).

Como podemos observar, o uso apropriado de determinadas formas de tratamento, bem como dos vocativos, pode ser uma questão de cortesia, conforme os estudos de Goffman (1970).

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

Nesta perspectiva, a utilização da língua em sociedade, para a interação humana, obedece a regras não apenas relacionadas à estrutura linguística, mas também a fatores de natureza social (normas sociais). O modo como nos dirigimos a outra pessoa é considerado um caminho fundamental para atingirmos o nosso objetivo comunicacional e o sucesso da interação. Existe uma relação bastante estreita entre as FT e a estrutura social, pois "o uso das formas de tratamento é a expressão linguística que vigora em um determinado meio social. O emprego do tratamento não depende propriamente do sistema linguístico, mas da forma como a sociedade está organizada" (Silva, 2003, p. 174). Assim, podemos compreender que o uso de determinadas formas de tratamento está relacionado aos aspectos sociais, ao *status* e ao papel do falante.

Brown e Gilman, no artigo "The pronouns of power and solidarity" (1960), abordam a questão do uso de determinadas formas de tratamento como condicionantes de poder em nossas esferas sociais. Com a sociedade constituída tradicionalmente em um sistema hierárquico de poder, onde as formas de tratamento ocorrem a depender da situação social e do papel que as pessoas envolvidas desempenham nessa estrutura social, existem níveis de formalidade a serem observados em um ato de fala interacional. Com mudanças sociais, segundo Brown e Gilman (1960), essas formas de tratamento podem sofrer alterações devido à solidariedade entre os interlocutores.

Segundo Brown e Gilman (1960), as formas de tratamento revelam jogos de *poder*, que é sustentado pela distância e assimetria nas relações, e de *solidariedade*, que é regida pela igualdade, intimidade e reciprocidade. Esses autores referem-se à noção de *power semantic* (semântica do poder), desta forma:

> One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V*[1] (Brown; Gilman, 1960, p. 255).

No sentido oposto, os autores expõem a noção de *solidarity semantic* (semântica da solidariedade), quando a relação entre as pessoas num ato de comunicação é simétrica, pois diminui a distância entre elas.

De acordo com Brown e Gilman (1960), essas relações sociais ocorrem a partir da utilização de determinadas formas pronominais, e para exemplificar, os autores mencionam o caso dos pronomes {tu} e {vous}, da língua francesa, que expressam essas relações de simetria (solidariedade) e assimetria (poder). Assim, em uma circunstância simétrica, os interlocutores usam o mesmo pronome – ou o {tu}, ou o {vous} – entre si, e numa interação assimétrica, um interlocutor em uma posição hierárquica inferior usa o {vous} para seu o interlocutor em posição hierárquica superior, e sendo tratado por {tu}.

Brown e Gilman (1960) mostram a relação estreita entre essas relações (simétricas ou assimétricas) e a estrutura da sociedade:

> The non-reciprocal power semantic is associated with a relatively static society in which power is distributed by birthright and is not subject to much redistribution. The power semantic was closely tied with the feudal and manorial systems. […] The reciprocal solidarity semantic has grown with social mobility and an equalitarian ideology[2] (Brown; Gilman, 1960, p. 265).

Também Dino Preti (2004) aponta fatores como, por exemplo, intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder, que podem influenciar o uso das FT, fazendo com que os falantes envolvidos em uma situação comunicativa usem uma forma ao invés de outra, dependendo do tipo de interação que está acontecendo.

Esse fenômeno pode ser encontrado em um recorte de fala presente na novela *Pantanal*, como a interação entre as personagens José Leôncio e Tadeu que ocorre no capítulo 23, a qual reflete a alternância de posições durante uma conversa em específico e como a relação entre eles influencia o uso de determinadas formas de tratamento. O recorte a seguir, que selecionamos para exemplificar o conceito de *poder e solidariedade*, traz esse diálogo entre essas personagens, que são pai e filho, respectivamente, mas se tratam como padrinho e afilhado. A fim de contextualizar a interação, é importante saber que Tadeu é filho de Filó, governanta da fazenda de José Leôncio. Mesmo Filó já tendo se envolvido com o seu patrão, eles nunca assumiram essa relação oficialmente, o que fez Tadeu ser criado como afilhado de José Leôncio perante as demais

[1] Tradução nossa: Pode-se dizer que uma pessoa tem poder sobre outra na medida em que é capaz de controlar o comportamento da outra. O poder é uma relação entre pelo menos duas pessoas e não é recíproca no sentido de que ambas não podem ter poder na mesma área de comportamento. A semântica do poder é igualmente não recíproca; o superior diz *T* [do latim *tu*] e recebe *V* [do latim *vos*].

[2] Tradução nossa: A semântica do poder não recíproco está associada a uma sociedade relativamente estática, em que o poder é distribuído por direito de nascença e não está sujeito a muita redistribuição. A semântica do poder estava intimamente ligada aos sistemas feudal e senhorial. […] A semântica da solidariedade recíproca cresceu com a mobilidade social e uma ideologia igualitária.

pessoas, embora aparentemente seja seu filho. Na cena, Tadeu e José Leôncio estão sozinhos enquanto se preparam para uma viagem.

(1) Tadeu: ***Padrinho*** *tá com medo do filho batê asa e não vortá!*

José Leôncio: [...] *aqui* ***ocê*** *pode me chamá de pai! não tem ninguém ouvindo.*

Tadeu: *É por isso que eu não chamo é nunca. O fio d****o senhor*** *é só o outro. Sempre foi.*

Na interação, observamos que Tadeu estabelece hierarquicamente sua relação com José Leôncio ao utilizar a forma *padrinho* para se referir a Zé Leôncio, em segunda pessoa, demonstrando assimetria perante seu ouvinte, que, na escala hierárquica padrinho-afilhado, é superior a Tadeu. Na sequência, Leôncio, referindo-se a Tadeu com a forma pronominal {ocê}, responde que naquele momento seu filho/afilhado poderia lhe chamar de {pai}, já que não havia mais ninguém ali que pudesse ouvir. Nessa fala observa-se uma relação de *solidariedade* de Zé Leôncio em relação a Tadeu, buscando menor distância em termos de formalidade, tentando maior reciprocidade e intimidade com seu interlocutor por meio de uma relação mais simétrica. Na continuação da interlocução, porém, o filho/afilhado opta por manter a assimetria demonstrada na primeira fala, pois além de deixar clara sua desaprovação com o pedido de seu interlocutor e não chamar José Leôncio de pai, ele muda a maneira de se referir a seu pai/padrinho, ao utilizar a forma *senhor*, que expressa mais respeito e distanciamento. Assim, esse recorte evidencia o jogo de *poder e solidariedade* que pode ocorrer em uma interação verbal face a face.

Nas interações face a face, conforme Moreno Fernández (1998), é importante considerar a noção de cortesia, que se reflete nas formas de tratamento e são cruciais para a gestão da imagem e do papel social que se mantém durante a interação. Essa noção de imagem pode ser aprofundada a partir da teoria de Goffman (1970) sobre a face, que é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados. As pessoas tendem a construir nas interações uma imagem de si mesmas conforme a conduta que os outros esperam que elas adotem em certa situação, surgindo daí a noção de preservação da face, que se refere ao

> [...] valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assuma durante um contato particular. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de qualidades reconhecidas socialmente. [...] é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados (Goffman, 1970, p. 13-14).

Com isso a pessoa se condiciona a uma imagem projetada pelo outro para preservar a sua face utilizando mecanismos de precaução durante os atos de interação. Portanto, mesmo com a face sendo algo particular de cada pessoa, ela é considerada uma moldagem social perante os interlocutores.

Os estudos de Goffman (1970) sobre face, portanto, contribuem para o entendimento de situações como a expostas no exemplo (1). Esse autor da área da Sociolinguística Interacional busca analisar a maneira como as pessoas utilizam os recursos linguísticos, não apenas estruturais e gramaticais, mas também os aspectos sociais, como as estratégias de comunicação e contexto de produção, para entender a linguagem e como isso pode refletir as estruturas sociais e as relações de poder.

Com o entendimento de nossa base teórica, partiremos na seção seguinte para a metodologia que utilizaremos na análise.

3. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa interpretativista, que se baseia na compreensão e interpretação dos objetos a serem analisados. Para a análise dos dados, utilizaremos a metodologia de etiquetagem das formas de tratamento (Frías Conde, 2018), que descreveremos a seguir.

A metodologia da etiquetagem das formas de tratamento consiste em categorizar essas formas de tratamento, focando não somente nos aspectos sociopragmáticos, mas também nos aspectos morfossintáticos que afetam essas formas. Frías Conde (2018) assim define essa metodologia e exemplifica:

> El etiquetado es un sistema de marcado de características gramaticales (incluyendo las pragmáticas y las semánticas) que caracterizan a un elemento A frente a un elemento B. Así, por ejemplo, la diferencia de número,

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

> entre singular y plural se marcaría partiendo de la forma primaria, en este caso el singular (que es la que aparece en el diccionario), opuesta a la plural[3] (Frías Conde, 2018, p. 4).

Além da diferença de número (singular x plural), que se traduziria nos traços [+sg] e [–sg], há também outras marcas que são consideradas, como a diferença de gênero – [+masc] e [–masc] –, e as etiquetas podem alcançar diversos níveis: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. Assim, sobre a etiquetagem,

> Se trata de un mecanismo gramático-pragmático, el cual distingue un elemento [+marcado] de otro [–marcado]. […] este mecanismo tiene repercusiones morfológicas (en los paradigmas pronominales y verbales) y sintácticas (fundamentalmente, en lo que a la concordancia se refiere), en un plano estrictamente gramatical; asimismo, dichas repercusiones pueden ser de índole pragmática o sociolingüística […][4] (Frías Conde, 2018, p. 9).

Frías Conde (2018) categoriza alguns indicadores das formas de tratamento:

a) **Marca:** relacionada a níveis de formalidade e distância, expressa pelos traços [+formal] / [–formal], [+conhecido] / [–conhecido] e [+íntimo] / [–íntimo];
b) **Referência (R):** relacionada à pessoa real do discurso (por exemplo, em algumas línguas, usa-se o pronome de segunda pessoa do plural, mas a referência é a segunda pessoa do singular);
c) **Paradigma (Π):** correspondência sujeito-verbo (por exemplo, no português brasileiro, a forma pronominal você tem como referência a segunda pessoa do singular [2PS], mas o paradigma verbal é de terceira pessoa do singular [3PS]);
d) **Grau (G):** gradação *tu-você-o senhor/a senhora*.

Embora Frías Conde (2018) num primeiro momento apresente separadamente os indicadores Marca e Grau, eles se confundem, pois acabam tratando da questão da formalidade e informalidade. Em estudo posterior (Frías Conde, 2023), a Marca deixa de aparecer como indicador, restando apenas o indicador Grau. Nas análises, é considerado o indicador Grau para a etiquetagem.

Contudo, há outros fatores a serem considerados no momento de etiquetar as formas de tratamento. Por exemplo, outro aspecto a ser considerado são os circunstantes (C), que explicam o entorno social em que ocorrem as formas de tratamento: "Son fundamentales a la hora de entender el uso de las FFTT el estatus social (Σ), así como la edad y sexo pueden ser referentes muy importantes a la hora de explicar por qué determinados usos, sobre todo la edad"[5] (Frías Conde, 2018, p. 19).

Frías Conde (2018) também distingue entre etiquetagem primária e secundária: na primária, define-se a análise a partir do grau, paradigma, referência, circunstância (relações horizontais e verticais, idade, sexo e etc.) e quadro sociolinguístico (oral, escrito, padrão e não padrão); e a secundária se define por aquilo que não seja explicável na etiquetagem primária, mas pelo "valor psicossocial": "El etiquetado secundario responde a cuestiones que escapan al etiquetado primario. Existe una inmensa cantidad de casos que no responden a los protocolos sociales primarios que requieren de otras explicaciones"[6] (Frías Conde, 2018, p. 21). O autor dá um exemplo: no Equador, é frequente o uso de *usted* entre os casais, que paradoxalmente é um sinal de intimidade, enquanto o *vos* é usado com amigos e também é um sinal de intimidade, mas sem envolver um relacionamento amoroso. Dessa forma, na análise haverá uma etiqueta [casal] para o *usted*.

Em seu livro *Etiquetado y formas de tratamiento*, de 2018, Frías Conde traz alguns exemplos de etiquetagem em outras línguas, como é o caso observado no espanhol colombiano falado na cidade de Cali, sobre o qual o autor apresenta o enunciado "*Vos* no tenés mucha suerte", com o uso do *vos* para expressar mais

[3] Tradução nossa: A etiquetagem é um sistema de marcação de características gramaticais (incluindo as pragmáticas e as semânticas) que caracterizam um elemento A frente a um elemento B. Assim, por exemplo, a diferença de número, entre singular e plural, se marcaria partindo da forma primária, neste caso, o singular (que é a que aparece no dicionário), oposta à forma plural.

[4] Tradução nossa: Trata-se de um mecanismo gramático-pragmático, o qual distingue um elemento [+marcado] de outro [–marcado]. […] este mecanismo tem repercussões morfológicas (nos paradigmas pronominais e verbais) e sintáticas (fundamentalmente, no que a concordância se refere), em um plano estritamente gramatical; assim mesmo, tais repercussões podem ser de índole pragmática ou sociolinguística […].

[5] Tradução nossa: São fundamentais no momento de entender o uso das FFTT [formas de tratamento] o *status* social (Σ), assim como a idade e o sexo podem ser referentes muito importantes no momento de explicar o porquê de determinados usos, sobretudo a idade.

[6] Tradução nossa: A etiquetagem secundária responde a questões que escapam da etiquetagem primária. Existe uma imensa quantidade de casos que não respondem aos protocolos sociais primários que requerem outras explicações.

intimidade com seu interlocutor, etiquetado como [+íntimo]. Em contrapartida, no enunciado "*Tú* no tienes mucha suerte", a utilização do pronome *tú* demonstra menos intimidade, recebendo a etiqueta [–íntimo].

Para a seleção dos dados a serem analisados, fizemos um recorte de dois capítulos da novela *Pantanal*, o 18 e o 167. A escolha por esses capítulos específicos se deu por conta da proposta da pesquisa, que consiste em analisar as formas de tratamento utilizadas pelas personagens em diferentes momentos e relações sociais, a fim de conseguir uma análise mais representativa do percurso de sua construção ao longo da novela, tendo em vista que a mudança no envolvimento mais próximo ou mais afastado com os interactantes nesse percurso pode interferir em como um se dirige ao outro em um ato comunicacional. Também defendemos esses capítulos por destacar os personagens principais em momentos significativos de suas histórias e é claro, por mostrar suas características dialetais de modo bem representativo. Esses capítulos apresentam dados caracterizados por uma rica variação linguística no que se refere às formas de tratamento.

Como procedimento de coleta, assistimos aos capítulos selecionados na íntegra, a fim de localizarmos os trechos em que apareciam formas de tratamento. Nesses casos, procedemos à transcrição das falas específicas, buscando o máximo de fidelidade quanto aos traços da oralidade. Utilizamos a transcrição grafemática, no entendimento de que "a transcrição grafemática ou ortográfica é necessária para podermos trabalhar os dados orais recolhidos, tanto históricos como linguísticos e socioculturais" (Nunes, 2017, 234).

Na próxima seção, apresentaremos a análise dos recortes selecionados para este estudo e a etiquetagem das formas de tratamento usadas nesses recortes.

4. Análise dos dados perante a metodologia da etiquetagem das formas de tratamento

O primeiro recorte é do início do capítulo 18 da novela *Pantanal*, no qual temos um diálogo, que denominamos "Interação 1". Essa interação está presente logo na primeira cena do capítulo, quando as personagens Tadeu, José Leôncio, Tibério, Filó e Levi estão em uma roda de viola. A cena começa com Tibério cantando e em seguida vem o diálogo:

Interação 1:

Tibério: *Qual é que **o patrão** vai pedir agora?*

José Leôncio: *Ara! Tudo o que eu tinha pra pedir nessa vida tá chegando, **Tibério**!*

Tadeu: ***O padrinho** só qué sabê du fio dele agora.*

José Leôncio (fazendo um gesto de negação): *Ai, eu fico aqui me alembrando do dia que ele nasceu, eu saí com ele desembestado por esses pastos.*

Tadeu (com um tom de ressentimento): *Será que deu certo, **padrinho**? Qué dizê, será que o Joventino sabe montá que nem um Leôncio?*

José Leôncio (com um tom muito sério e tenso): *É meu fio, tem que sabê!*

Tadeu (ainda no mesmo clima de tensão): *Sei lá… às veiz criado na cidade pode não tomá gosto pelas coisas da terra, não é memo?*

José Leôncio: *Tem meu sangue, **Tadeu**. Aliás, **Levi**, eu quero que **você** me faça um favor.*

Levi: *Inté dois, **patrão**.*

José Leôncio: *Quero que **cê** pegue aquela sela de prata e dê uma limpada nela pra deixá ela tinindo. O herdeiro dela tá chegando, **Tibério**!*

Tadeu: *Eu faço questão de limpá a sela pro seu filho! Isso é, se **o senhor** não acha ruim, né, **meu padrinho**?*

José Leôncio: ***Cê** já tá fazendo um grande favor em i buscá o meu fio lá em Campo Grande, o Levi pode dá conta dessa sela.*

Tadeu: *Mas eu disse que eu faço questão!*

José Leôncio: *I eu tô dizendo pra **ocê** cumpri a sua obrigação, **Tadeu**!*

Tadeu: *Não si preucupe, não, **padrinho**, eu nunca fui homem di faltá com a minha palavra, não vai sê agora.*

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

Nessa interação apenas as personagens masculinas tomam a fala, predominando a interação entre Tadeu e José Leôncio, e a personagem Filó, companheira de José Leôncio, fica calada nessa cena.

Relembrando os papéis desses personagens masculinos, José Leôncio é o proprietário da fazenda, Tadeu é filho de Filó e afilhado de José Leôncio, e trabalha como peão da fazenda, assim como os outros personagens, Tibério (peão-chefe) e Levi.

Quanto às formas de tratamento usadas na interação, temos:

- formas pronominais: *você*, que se realiza nas formas *você*, *ocê* e *cê*; também os possessivos de terceira pessoa (*pro seu filho*; *a sua obrigação*);
- formas nominais: *o patrão*, *o padrinho* e *o senhor*;
- vocativos: nomes dos personagens a quem José Leôncio se dirigiu (*Tibério*, *Tadeu* e *Levi*) e, no caso do endereçamento a José Leôncio, os vocativos *patrão*, *padrinho* e *meu padrinho*.

Podemos verificar que dos três peões, Tadeu tem um envolvimento mais próximo com o fazendeiro, pois utiliza como formas de tratamento os vocativos *padrinho* (duas vezes) e *meu padrinho*, neste último caso com o pronome *meu*, dando maior carga afetiva à sua fala, e também a forma nominal *o padrinho*, que nesse caso não é referência a uma terceira pessoa, mas à segunda pessoa, pois Tadeu está se dirigindo diretamente para José Leôncio.

A relação entre afilhado e padrinho se caracteriza como uma relação de maior afetividade, embora exista uma hierarquia entre eles, então podemos relacionar os traços [+conhecido] e [±íntimo] e a situação de interação pode ser definida pelos traços [–distância] e [+envolvimento]. Em termos de formalidade, a questão da diferença de idade entre o afilhado e seu padrinho pode gerar uma relação de maior respeito, pois o personagem José Leôncio é mais velho. Pensando no contexto de um ambiente rural, com relações mais tradicionais, talvez seja possível comparar à relação de pai e filho ou tio e sobrinho. Além disso, há entre eles uma relação patrão-empregado. Então poderíamos caracterizar como uma relação [+formal], o que comprova também a forma nominal *o senhor*.

Os outros dois peões quando se dirigem a José Leôncio demonstram mais formalidade, pois Tibério usa a forma nominal *o patrão* (dirigindo-se diretamente ao fazendeiro) e Levi utiliza o vocativo *patrão*. Poderíamos caracterizar as relações entre esses peões e o fazendeiro como [+formal], [±conhecido] e [–íntimo] e a situação de interação pode ser definida pelos traços [+distância] e [–envolvimento].

Podemos notar que apenas José Leôncio utiliza formas pronominais – *você* e suas variações fonológicas – para se dirigir aos interlocutores, além dos vocativos compostos pelos nomes próprios dos interlocutores. Como há uma relação hierárquica entre ele (o patrão) e os peões (seus empregados), ele não precisa ser formal, embora ainda mantenha certa distância.

Quanto ao paradigma verbal, podemos verificar que, mesmo a referência real sendo a segunda pessoa (singular), o verbo sempre segue o paradigma de terceira pessoa do singular, mesmo no caso do imperativo (*dê uma limpada nela*). Os pronomes possessivos na posição de determinantes (*seu* e *sua*) e o pronome reflexivo (*não si preocupe*) seguem o paradigma pronominal de terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das formas de tratamento (FT), podemos categorizar da seguinte maneira:

Quadro 1 – Etiquetagem de FT na Interação 1

Locutor	**Referência**	**Forma de tratamento**	**Etiquetagem**
Tadeu	José Leôncio (patrão e padrinho)	*- **O padrinho** só qué sabê du fio dele agora.* *- Será que deu certo, **padrinho**?* *- Isso é, se **o senhor** não acha ruim, né, **meu padrinho**?* *- Não si preucupe, não, **padrinho*** [...].	Grau (G): [+formal]; [±íntimo]; [+conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+30} {m} < Y {+60} {m}][7]

[7] Os códigos X e Y representam respectivamente o locutor e o interlocutor, a numeração entre chaves {+30} e {+60} indicam a faixa etária presumida e as iniciais "m" indica o sexo masculino.

Tibério	José Leôncio (patrão)	*- Qual é que **o patrão** vai pedir agora?*	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+40} {m} < Y {+60} {m}]
Levi	José Leôncio (patrão)	*- Inté dois, **patrão.***	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+20} {m} < Y {+60} {m}]
José Leôncio	Tadeu (peão e afilhado)	*- Tem meu sangue, **Tadeu**.* *- **Cê** já tá fazendo um grande favor em i buscá o meu fio lá em Campo Grande [...].* *- I eu tô dizendo pra **ocê** cumpri a sua obrigação, **Tadeu**!*	Grau (G): [±formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+30} {m}]
José Leôncio	Tibério (peão)	*- Ara! Tudo o que eu tinha pra pedir nessa vida tá chegando, **Tibério**!* *- O herdeiro dela tá chegando, **Tibério**!*	Grau (G): [±formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+40} {m}]
José Leôncio	Levi (peão)	*- Aliás, **Levi**, eu quero que **você** me faça um favor.* *- Quero que **cê** pegue aquela sela de prata e dê uma limpada nela pra deixá ela tinindo.*	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+20} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

A próxima interação refere-se a mais um diálogo entre José Leôncio e Tadeu, porém em um contexto diferente daquele da interação anterior, pois aqui a relação deles mudou devido ao fato de Leôncio assumir abertamente que Tadeu é seu filho. Trata-se da cena do capítulo 167, etapa final da novela, e nesse momento a personagem José Leôncio já trata e chama Tadeu de filho, publicamente. A cena começa com os filhos de José Leôncio disputando uma corrida de cavalos, no qual o vencedor desse páreo irá ganhar a sela de prata do pai de José Leôncio. O diálogo inicia logo após Tadeu vencer a disputa.

Interação 2:
Tadeu: *Ah, **meu pai**! Venci.*

José Leôncio: ***Ocê** nem deixô os outro passá na <u>sua</u> frente, **filho**!*

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

Tadeu (em tom de alegria e entusiasmo): *Viu, **pai**? **Cê** viu, **pai**?*

José Leôncio (em tom de alegria e aprovação): *Essa sela agora é sua, **filho**!*

Tadeu (em tom de alegria e entusiasmo): ***Ô, pai**!*

Quanto às formas de tratamento usadas na interação, temos:

- formas pronominais: *você*, que se realiza nas formas *ocê* e *cê*; também o possessivo de terceira pessoa (*na sua frente*; *é sua, filho!*).
- vocativos: *meu pai, pai, filho e ô, pai*.

Nessa interação, podemos observar uma mudança no comportamento e na relação entre as personagens José Leôncio e Tadeu. Diferentemente do diálogo anterior, em que mesmo Tadeu tendo certo grau de intimidade com Zé Leôncio, por saber que era filho dele mas ter sido criado por ele como afilhado perante as demais pessoas, eles não tinham apresentado em suas interações uma reciprocidade tão próxima. Essa mudança se refletiu no uso das FT, o que resulta em nova etiquetagem das interações, em comparação com o recorte de fala anterior. Especificamente, a mudança se operou com Tadeu em relação ao pai, pois antes ele expressava um tratamento mais distanciado, mais formal, marcado pela semântica do poder, e não da solidariedade. Agora podemos elencar os seguintes traços que são mútuos entre as personagens: [–formal], [+intimidade], [+envolvimento] e [–distância].

Ainda sobre a mudança na relação de José Leôncio e Tadeu, vale mencionar a utilização dos vocativos: se antes Tadeu usava *padrinho* para evocar Zé Leôncio, agora ele fala *pai*, inclusive reforçando com orgulho esse ponto, como vimos na interação ao chamar *pai* duas vezes: "Viu, *pai*? *Cê* viu, *pai*?". Essa proximidade com mais afeto também aparece ao usar a interjeição, com o pronome possessivo e o vocativo: "Ah, *meu pai*!". Além disso, José Leôncio, para evocar Tadeu, passa a utilizar o vocativo *filho*, diferentemente das interações passadas, em que utilizava o nome próprio (*Tadeu*) para se dirigir ao seu interlocutor.

Referente ao paradigma verbal, como é comum, segue-se o paradigma pronominal da 3ª pessoa do singular, embora a referência seja a 2ª pessoa do singular. Também o pronome possessivo *sua* segue o paradigma verbal da terceira pessoa.

Aplicando-se a metodologia da etiquetagem das FT, podemos categorizar da seguinte maneira:

Quadro 2 – Etiquetagem das FT na Interação 2

Locutor	**Referência**	**Forma de tratamento**	**Etiquetagem**
Tadeu	José Leôncio (patrão e padrinho)	*- **O padrinho** só qué sabê du fio dele agora.* *- Será que deu certo, **padrinho**?* *- Isso é, se **o senhor** não acha ruim, né, **meu padrinho**?* *- Não si preucupe, não, **padrinho** [...].*	Grau (G): [+formal]; [±íntimo]; [+conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+30} {m} < Y {+60} {m}][7]
Tibério	José Leôncio (patrão)	*- Qual é que **o patrão** vai pedir agora?*	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+40} {m} < Y {+60} {m}]
Levi	José Leôncio (patrão)	*- Inté dois, **patrão.***	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+20} {m} < Y {+60} {m}]
José Leôncio	Tadeu (peão e afilhado)	*- Tem meu sangue, **Tadeu**.* *- **Cê** já tá fazendo um grande favor em i buscá o meu fio lá em Campo Grande [...].*	Grau (G): [±formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS

		*- I eu tô dizendo pra **ocê** cumpri a sua obrigação, **Tadeu**!*	Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+30} {m}]
José Leôncio	Tibério (peão)	*- Ara! Tudo o que eu tinha pra pedir nessa vida tá chegando, **Tibério**!* *- O herdeiro dela tá chegando, **Tibério**!*	Grau (G): [±formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+40} {m}]
José Leôncio	Levi (peão)	*- Aliás, **Levi**, eu quero que **você** me faça um favor.* *- Quero que **cê** pegue aquela sela de prata e dê uma limpada nela pra deixá ela tinindo.*	Grau (G): [+formal]; [–íntimo]; [±conhecido] Referência (R): 2PS Paradigma (Π): 3PS Circunstantes (C): [+rural] [X {+60} {m} > Y {+20} {m}]

Fonte: Elaborado pelo autor

5. Conclusões

Ao longo das análises observamos que a hierarquia social está estabelecida entre Tadeu e José Leôncio, seja como patrão e peão/afilhado na interação 1 ou como pai e filho na interação 2, porém o contexto diferente nos atos de falas entre eles muda com o desenrolar da história. Assim, com o uso de determinadas FT como pai, meu pai e filho demonstra uma maior simetria e solidariedade na interação 2 em contrapartida da interação 1 que representa mais assimetria, evidenciando os níveis de poder que existe em uma escala social de trabalho como era o contexto inicial, mesmo que as duas personagens tinham uma certa proximidade como padrinho e afilhado mas apresentavam o traço [+formal] devido a relação de trabalho e por José Leôncio não reconhecer a paternidade de Tadeu publicamente.

Com a metodologia da etiquetagem, no que tange o Grau notamos a mudança dos traços da personagem Tadeu de [+formal] e [±íntimo] para [–formal] e [+íntimo] na interação 2, já José Leôncio que na interação 1 apresentava os traços [±formal], [–íntimo] e [±conhecido] passa a ser [–formal], [+íntimo] e [+conhecido]. Referente aos indicadores Referência e Paradigma, ambas interações fazem referência à segunda pessoa (real) do singular, com paradigma verbal de terceira pessoa.

Com essas duas análises realizadas, concluímos que essa mudança de característica deles ao longo da novela pode nos possibilitar entender que as etiquetagens não são fixas mesmo quando envolvem as mesmas pessoas da interação, pois o contexto pode ir mudando com o tempo e, dessa forma novas características, como nível de formalidade, mais intimidade, envolvimento, ou por vezes o caminho inverso também possa ocorrer, surgem e acabam por modificar algumas relações.

Por fim, as análises indicam que os usos de determinadas formas de tratamento são influenciados pelo contexto em que são realizadas. E, consequentemente, isso interfere na manutenção de nossas estruturas sociais, destacando possíveis jogos de poder e solidariedade existentes em nossa sociedade.

6. Referências

Biderman, M. (1972). Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa, 18*(1), 339-382.

Brown, R. & Gilman, A. (1960). The pronouns of power and solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in language* (pp. 253-276). MIT.

Camara Jr. J. M. (1981). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.

Camara Jr., J. M. (1991). *Estrutura da língua Portuguesa.* Petrópolis: Vozes.

Cintra, L. F. L. (1972). *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Horizonte.

Cunha, C,; Cintra, L. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Faraco, C. A. (1996). O tratamento 'você' em português: Uma abordagem histórica. *Fragmenta, 13*(1), 51-82.

Frias Conde, F. X. (2018). *Etiquetado y formas de tratamiento.* Ianua.

© Ianua Editora
http://www.ianuaeditora.com/ianua/

Frias Conde, F. X. (2023). As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem Seftra. In A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 5*: *Vol. 2: Língua e ensino* (pp. 139-148). UA Editora.

Goffman, E. (1970). *Ritual de la interacción*. Tiempo Contemporáneo.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1996). *Análise da conversação*: princípios e métodos. Parábola.

Lopes, C. R. S. (2003); Duarte, M. E. L.. De *vossa mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antonia (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, p. 61-76.

Lopes, C. R. S. (2008). Retratos da variação entre 'você' e 'tu' no português do Brasil: sincronia e diacronia. In C. Roncarati & J. Abraçado (Eds.). *Português brasileiro II: Contato linguístico, heterogeneidade e história* (vol. 2, pp. 55-71). Eduff.

Machado, A. C. M. (2008). A implementação de 'você' no quadro pronominal do português brasileiro. *Revista do GEL, 5*(2), 23-47.

Menon, O. P. S. (1995). O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras, 44*(1), 91-106.

Moreira, J. C. (2017). *O vocativo no português brasileiro: uma unidade à parte?* Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 57, p. 319-340. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24798. Acesso em: 18 jul. 2024.

Moreno Fernández, F. (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Ariel.

Neves, M. H. M. (2002). Os pronomes. In A. T. Castilho (Ed.), *Gramática do português falado: Vol 4: Estudos descritivos* (pp. 13-33). Humanitas, Fapesp, Editora da Unicamp.

Nunes, N. N. (2017). *Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil*. *In:* colóquio "as mobilidades no espaço e no tempo", Funchal. Actas [...]. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, p. 215-254.

Oliveira, M. (2019). *Formas de tratamento, cordialidade e cortesias paulistas*. FFLCH/USP.

Perini, M. (2005). *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática.

Preti, D. (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Lucena.

Rocha Lima, C. H. (2011). *Gramática normativa da língua portuguesa.* 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Silva, L. A. (2003). *Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In:* PRETI, Dino (org.). Léxico na língua oral e escrita. São Paulo: Humanitas.

Silva, L., Blanco, R. & Blanco, Y. (2017). Formas de tratamento: Português e espanhol em foco. *Letras de Hoje, 52*(3), 331-340.